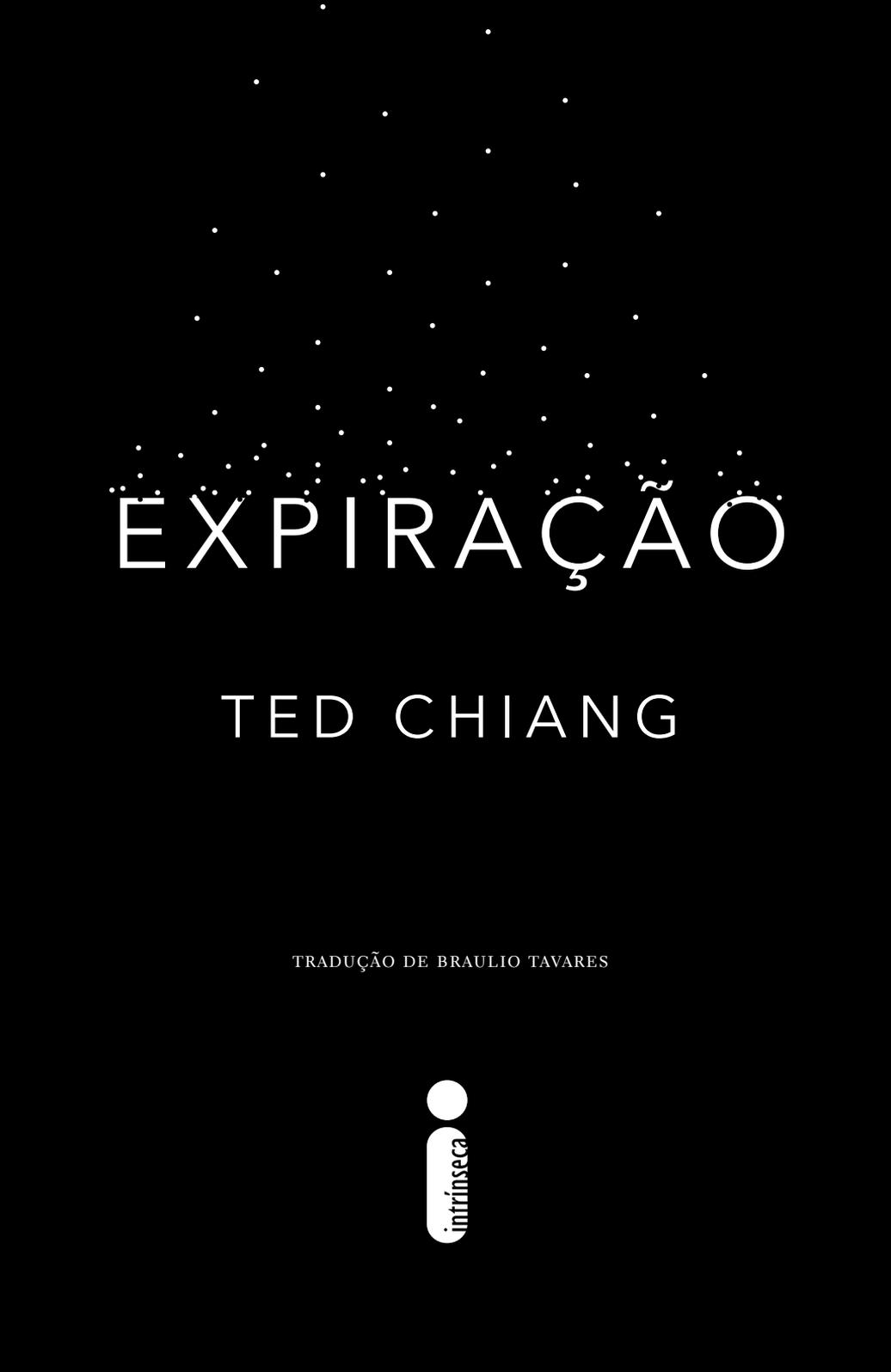


TED
CHIANG

EXPIRAÇÃO





EXPIRAÇÃO

TED CHIANG

TRADUÇÃO DE BRAULIO TAVARES



Copyright © 2019 by Ted Chiang

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução total ou parcial em qualquer formato.

TÍTULO ORIGINAL

Exhalation

PREPARAÇÃO

Ulisses Teixeira

REVISÃO

Eduardo Carneiro

Juliana Pitanga

ARTE DE CAPA

Na Kim

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Antonio Rhoden

PROJETO DE MIOLO E DIAGRAMAÇÃO

Equatorium Design | Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C454e

Chiang, Ted, 1967-

Expiração / Ted Chiang ; tradução Braulio Tavares. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.

416 p. ; 21 cm.

Tradução de: Exhalation

ISBN 978-65-5560-238-8

I. Contos americanos. I. Tavares, Braulio. II. Título.

21-70816

CDD: 813

CDU: 82-34(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

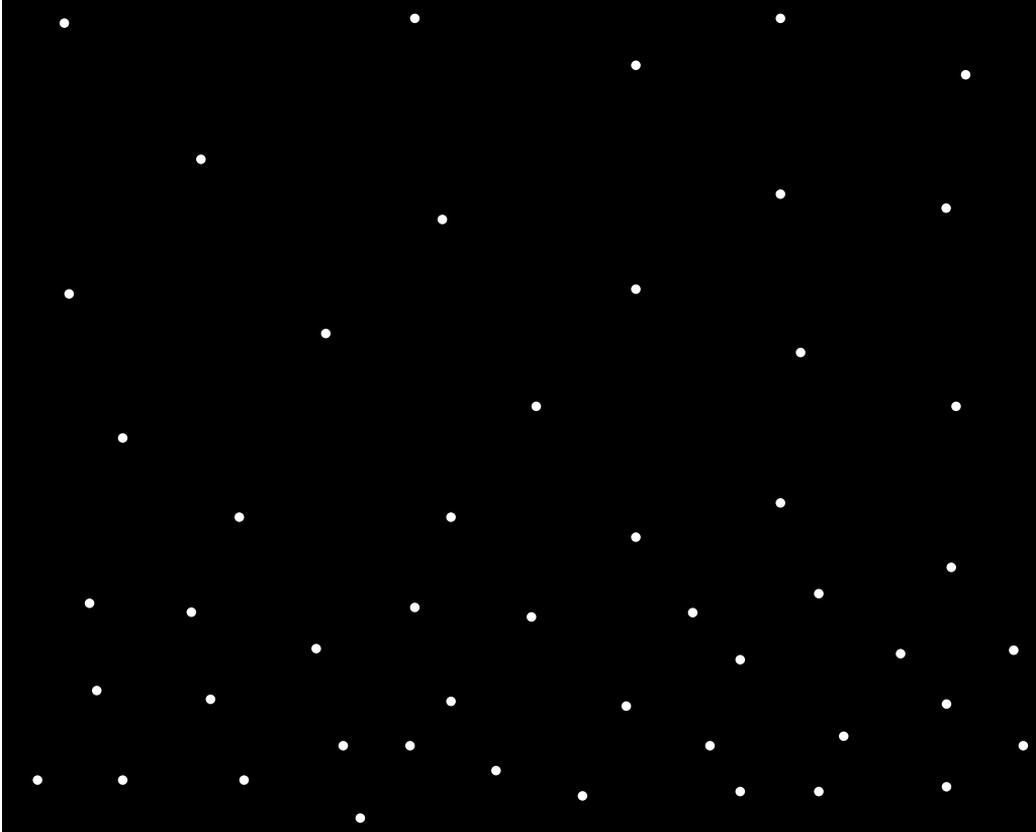
22451-041 — Gávea

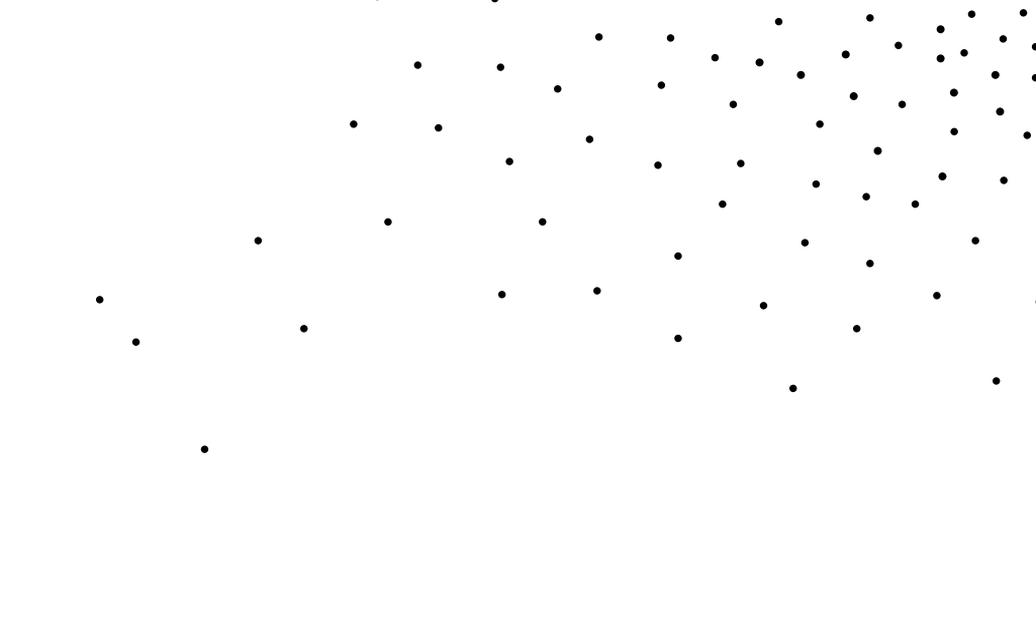
Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

O MERCADOR E O
PORTAL DO ALQUIMISTA





Ó PODEROSO CALIFA e comandante dos fiéis, estou aqui, humilde, diante do esplendor de vossa presença; um homem não pode desejar bem maior enquanto estiver vivo. A história que tenho para contar é em verdade estranha, e, se um dia fosse ela tatuada por inteiro no canto do olho de alguém, a maravilha dessa apresentação não poderia ser maior que a dos eventos que nela se contam, porque é um aviso para os que precisam ser avisados e um aprendizado para os que querem aprender.

Meu nome é Fuwaad ibn Abbas e nasci em Bagdá, a Cidade da Paz. Meu pai era mercador de cereais, mas por muito tempo trabalhei como comerciante de tecidos finos, negociando seda de Damasco, linho do Egito e lenços de pescoço do Marrocos, bordados em ouro. Eu prosperava, mas meu coração vivia em conflito, e nem a aquisição de objetos de luxo ou a distribuição de doações eram capazes de sossegá-lo. Agora estou aqui, diante de Vossa Senhoria, sem um único *dirhan* na bolsa, mas em paz.

Alá é o princípio de todas as coisas, mas, com a permissão de Vossa Majestade, darei início a minha história no dia em que estava caminhando pelo distrito dos ferreiros. Precisava comprar um presente para um homem com quem estava para fechar um negócio, e tinham me dito que ele apreciaria receber uma bandeja de prata. Após procurar por meia hora, notei que uma das maiores lojas no mercado fora adquirida por um novo comerciante. Era um ponto muito valorizado que devia ter custado bem caro; portanto, entrei ali para apreciar as mercadorias.

Nunca antes vira tal acúmulo de preciosidades. Perto da entrada havia um astrolábio com sete placas incrustadas de prata, um relógio de água que tocava as horas e um rouxinol feito de latão que cantava quando o vento passava por ele. Mais adiante, havia mecanismos ainda mais engenhosos do que estes, e eu os observava da mesma maneira que um menino vê um malabarista, quando um homem idoso surgiu por uma porta na parede dos fundos.

— Bem-vindo a minha humilde loja, meu senhor — disse ele.
— Meu nome é Bashaarat. Em que posso ajudá-lo?

— São artigos extraordinários estes que o senhor tem aqui. Negócio com mercadores de todos os cantos do mundo e, no entanto, nunca vi nada parecido. Onde, se me permite perguntar, o senhor adquire estas mercadorias?

— Fico agradecido por suas palavras gentis. Tudo que vê aqui foi fabricado em minha oficina, por mim mesmo ou por um de meus assistentes, sob minha orientação.

Fiquei impressionado com o fato de que aquele homem pudesse ser tão proficiente em tantas artes. Perguntei-lhe sobre os variados instrumentos que havia na loja e escutei-o enquanto ele discorria eruditamente sobre astrologia, matemática, geomancia e medicina. Conversamos por mais de uma hora, e minha fasci-

nação e meu respeito desabrocharam como uma flor aquecida pela aurora, até que ele mencionou seus experimentos com a alquimia.

— Alquimia? — indaguei. Aquilo me deixou surpreso, porque ele não me parecia o tipo de homem capaz de fazer tais alegações, típica de vigaristas. — Quer dizer, então, que consegue transformar metais inferiores em ouro?

— Sim, senhor, mas não é isso que a maioria procura na alquimia.

— E o que é, então?

— Uma fonte de ouro menos custosa do que extraí-lo do chão. A alquimia descreve uma maneira de fabricar o ouro, mas o processo é tão árduo que, por comparação, escavar embaixo de uma montanha é algo tão fácil quanto colher frutas de uma árvore.

Sorri.

— Uma resposta inteligente. Ninguém pode contestar que o senhor é um homem instruído, mas sei o bastante para duvidar da alquimia.

Bashaarat olhou para mim e refletiu por um instante.

— Construí recentemente algo que pode fazê-lo mudar de opinião. O senhor será a primeira pessoa a quem mostrarei. Gostaria de olhar?

— Seria um grande prazer.

— Siga-me, por favor.

Ele me conduziu pela porta na parede dos fundos. A sala seguinte era uma oficina, repleta de artefatos cujas funções eu não conseguia adivinhar: barras de metal envoltas com fios de cobre grandes o suficiente para se desenrolar até o horizonte, espelhos montados sobre uma laje circular de granito flutuando em mercúrio... Mas Bashaarat passou por todos esses objetos sem lhes lançar um único olhar.

Em vez disso, ele me conduziu até um pesado pedestal, que ia até meu peito, no qual estava montado de pé um sólido aro metálico. A abertura dessa argola tinha a largura de duas mãos espalmadas, e sua borda era tão grossa que mesmo o homem mais forte a teria carregado com muito esforço. O metal era escuro como a noite, polido até ficar tão liso que, fosse de uma cor diferente, poderia ter servido de espelho. Bashaarat me colocou parado de tal modo que tinha uma visão lateral desse aro, enquanto ele se postou junto à abertura.

— Por favor, observe — disse ele.

Bashaarat enfiou o braço através do aro, do lado direito, mas o membro não surgiu do outro lado. Em vez disso, foi como se o braço tivesse sido decepado à altura do cotovelo, e ele agitou o toco para cima e para baixo antes de puxá-lo de volta, intacto.

Eu não esperara ver um homem de tanto estudo executar um truque de prestidigitador, mas foi bem-feito, e aplaudi polidamente.

— Agora, espere um instante — disse ele, enquanto recuava, se afastando.

Aguardei, e eis que um braço apareceu no aro, do lado esquerdo, sem corpo algum para sustentá-lo. A manga que esse braço vestia era idêntica à do traje de Bashaarat. O braço se agitou para cima e para baixo, depois retornou para dentro do aro e desapareceu.

Eu achava que o primeiro truque tinha sido hábil, mas este parecia muito superior, pois o pedestal e o aro eram estreitos demais para esconder uma pessoa.

— Excelente! — exclamei.

— Obrigado, mas não se trata de uma mera prestidigitação. O lado direito do aro está vários segundos adiantado em relação ao outro. Atravessar o aro significa atravessar essa duração de imediato.

— Não entendi.

— Deixe-me repetir a demonstração.

E mais uma vez ele enfiou o braço através do aro, e o membro desapareceu. Ele sorriu e moveu o braço para a frente e para trás como se estivesse fazendo cabo de guerra. Então recolheu o braço e estendeu a mão para mim, com a palma aberta. Sobre ela estava um anel que reconheci.

— É meu anel! — Olhei para a minha mão e vi que o anel continuava no dedo. — O senhor produziu uma réplica.

— Não. Este é o verdadeiro anel. Espere.

Mais uma vez, um braço surgiu do lado esquerdo. Na tentativa de descobrir o segredo do truque, corri até lá e o agarrei pela mão. A mão não era falsa, pois era tão quente e viva quanto a minha. Eu a puxei, e ela me puxou de volta. Então, com a agilidade de um ladrão, a mão retirou o anel do meu dedo e o braço recuou para dentro do aro, desaparecendo.

— Meu anel sumiu! — exclamei.

— Não, senhor — disse ele. — Seu anel está aqui. — E ele me entregou o anel que segurava. — Perdoe-me por esta pequena brincadeira.

Recoloquei o anel no dedo.

— O senhor tinha o anel antes que ele me fosse tirado.

Nesse momento, um braço reapareceu, só que, desta vez, do lado direito do aro.

— O que é isso? — indaguei.

Mais uma vez o reconheci pela manga do traje, antes que desaparecesse, mas não tinha visto Bashaarat pôr o braço ali.

— Não esqueça. O lado direito precede o esquerdo — comentou. Então, ele caminhou para o lado esquerdo do aro e enfiou o braço através da abertura, onde o membro voltou a desaparecer.

Vossa Majestade decerto já o percebeu, mas foi apenas então que compreendi: o que quer que acontecesse do lado direito do

aro era complementado, alguns segundos depois, por algo que acontecia do lado esquerdo.

— É bruxaria? — perguntei.

— Não, senhor. Nunca encontrei um *djinn* e, se encontrasse, não confiaria nele para atender a meus pedidos. É uma forma de alquimia.

Ele me ofereceu uma explicação em que falava de sua busca por minúsculos poros na pele da realidade, como os túneis que um verme produz no interior da madeira, e, como depois de encontrar um, ele era capaz de expandi-lo e esticá-lo do mesmo modo que um vidraceiro transforma uma bolota de vidro em fusão em um tubo comprido e estreito, além de fazer o tempo escorrer como água por uma abertura e torná-lo espesso como xarope na outra. Confesso que não compreendi verdadeiramente suas palavras e tampouco posso testemunhar sua veracidade. Tudo que pude dizer em resposta foi:

— O senhor criou algo de fato espantoso.

— Obrigado, mas isso é apenas um prelúdio do que pretendo lhe mostrar.

Ele me pediu que o seguisse até o interior de outra sala, mais ao fundo. Ali erguia-se um portal circular cuja moldura maciça era feita do mesmo metal preto polido. O artefato estava montado no meio da sala.

— O que lhe mostrei foi um Portal dos Segundos — informou.

— Este é um Portal dos Anos. Os dois lados deste portal estão separados por um intervalo de vinte anos.

Confesso que não entendi de imediato o que ele estava dizendo. Imaginei-o enfiando o braço do lado direito do portal e esperando vinte anos até ele aparecer do lado oposto, e este me pareceu um truque de mágica bastante obscuro. Falei isso, e Bashaarat riu.

— Pode muito bem ser usado assim — respondeu —, mas considere o que aconteceria se o senhor o atravessasse. — Parado

do lado direito, ele fez um gesto pedindo que me aproximasse, e então apontou para o portal. — Veja.

Assim o fiz e percebi que, do outro lado, parecia haver tapetes e almofadas diferentes dos que eu vira ao entrar. Movi a cabeça e constatei que, quando eu olhava através do portal, via outra sala, e não a sala em que estávamos.

— O senhor está vendo uma sala que fica vinte anos no futuro — explicou Bashaarat.

Pisquei os olhos, como uma pessoa faria diante de uma miragem no deserto, mas minha visão não mudou.

— E está me dizendo que eu poderia atravessar este portal? — perguntei.

— Poderia. E, dando esse passo, visitaria a Bagdá do futuro. Poderia procurar seu eu mais velho e conversar com ele. Depois, poderia atravessar de volta o Portal dos Anos e voltar ao dia de hoje.

Ouvindo aquelas palavras, senti-me tonto.

— Já fez isso? — perguntei. — Já passou através dele?

— Sim, e também muitos outros clientes meus.

— O senhor me disse antes que eu era o primeiro a quem mostrava este portal.

— Este portal, sim. Mas, durante muitos anos, tive uma loja no Cairo, e foi lá que construí o primeiro Portal dos Anos. Há muitos a quem mostrei aquele portal, e que fizeram uso dele.

— E o que eles aprenderam quando conversaram com os seus eus mais velhos?

— Cada pessoa aprende uma coisa diferente. Se quiser, posso lhe contar a história de uma delas.

Bashaarat começou então a me contar essa história, e, se agradar a Vossa Majestade, eu a recontarei aqui.

Depois um dos textos de *História da sua vida e outros contos* ter inspirado o filme *A Chegada*, Ted Chiang volta a nos apresentar nove histórias, sete delas publicadas entre 2005 e 2015 e duas inéditas.

O conto que dá título ao livro, ganhador do prêmio Hugo em 2009, é a mensagem alarmante de uma civilização muito mais avançada e já extinta de seres com órgãos mecânicos. Com cilindros de ar no lugar de pulmões, eles acreditam que viverão para sempre, até que um cientista resolve investigar a si mesmo e faz uma incrível descoberta: o ar respirável só existe porque seu fluxo no universo está em desequilíbrio, numa espécie de osmose.

Já “O Grande Silêncio” mostra os esforços dos seres humanos em busca de vida inteligente alienígena, apesar de não conseguirem conviver sequer com outras espécies no próprio planeta. Em “A ânsia é a vertigem da liberdade”, Chiang cria um mundo onde se questiona o tempo inteiro a existência do livre-arbítrio, uma vez que existe um dispositivo que permite que as pessoas se comuniquem com versões de si mesmas em universos paralelos. Se hoje dispomos de *gadgets* com inteligência artificial em uma fase quase inicial de desenvolvimento, em “O ciclo de vida dos objetos de software” vemos como a ideia de animais e pessoas robotizadas com níveis de inteligência artificial elevados ao extremo nos faria repensar os conceitos de “ser vivo” e “direitos”.

Misturando doses certas de ficção científica às nossas questões mais antigas enquanto espécie e indivíduos, a narrativa de Chiang impressiona e estimula profundas reflexões sobre o homem, a humanidade, a sociedade e o livre-arbítrio.

SAIBA MAIS EM:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1070/>